

Relevo

setembro/2022, n. 1, a. 13

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama **Enclave** e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de Daniel Pizani (@danielpizani).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 7 Gê Viana; R\$ 40 Gabriella Silva; R\$ 55 Juliana Caroline Cano da Silva; R\$ 60 Laís Valério Gabriel; Tauane Fracarolli; R\$ 65 Pedro Minet; Rafael Arantes; Ingrid Oliveira; R\$ 70 Julio Cesar Lima; Amanda Ferlin; Paulo Augusto Bessa; Ariane Hidalgo; Osley Bega Junior; Nima Spigolon; Luiz Guilherme Delenski Giublin; Octávio Ferreira; Victor Simião; Carolina Bataier; Diogo Azoubel; Marco Aurélio de Souza; Daniel Shaman; Rômulo Cardoso; Sérgio Czajkowski Jr.; Edmilson Borret; Álvaro Fonseca Duarte; Afonso Castro Gonçalves; João Pedro Braune; Richard Plácido; Bernardo Gonzaga; Eduardo Pereira de Souza; Rosa Maria Rodrigues Junqueira; João Calligaris Neto; Fernando Severo; Francisco José Ramires; Felipe Dalke; Marcel Soares; Benilson Toniolo; Auri Rosa; Raquel Zepka; Piotr Kilanowski; Eder Capobianco; Yuri Campagnaro; Diogo Fernandes; Gabriela Toffoli; Léo Rachid; Lucio Carvalho; Diego Antonelli; Daniela Athuil Galvão Sousa; Magaly Ramos; Fernanda Lira; Flávio Otávio Ferreira; André Balaio; Davi Etelvino; Álisson da Hora; Cristiano Pitt; Fernanda Frantz; Maurício Simionatto; Helen Velasco; R\$ 90 Anderson Quadros; R\$ 100 Karoline Thatiane Biavatti; Marcelo Ferreira Ribas; Mario Marcio Felix; Mauro Morais; R\$ 105 Melissa Schaikoski; Juliana Meira; Lígia Maggioni; André Nunes; Sergio Luiz Souza Costa; R\$ 130 Alexandre Guarnieri; R\$ 140 Mariana Dias Casals; Alessandro Rodrigues; Natália Miguel Ribeiro; Fabia Vitiello; R\$ 200 Rafael Schoenherr; R\$ 210 Juarez Cognato; Katia Brembatti; R\$ 300 Nuno Rau.

TOTAL: R\$ 6.542

ANUNCIANTES:

R\$ 30 O Alienígena; R\$ 120 Maurício Simionatto; R\$ 140 Dan Porto; R\$ 240 Mariana Zambon; R\$ 260 Renata Stuani; R\$ 350 Felipe Harmata.

TOTAL: R\$ 1.140

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.500
Escritório: R\$ 320
Embalador: R\$ 100
Autores e ilustradores: R\$ 540
Editor-executivo: R\$ 1.200
Editor-assistente: R\$ 350
Mídias sociais: R\$ 350
Diagramação: R\$ 150
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400
Correios: R\$ 2.200

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 7.682**

(-) Saídas totais: **R\$ 7.701**

(=) Resultado operacional: **-R\$ 19**

Setembro/2022

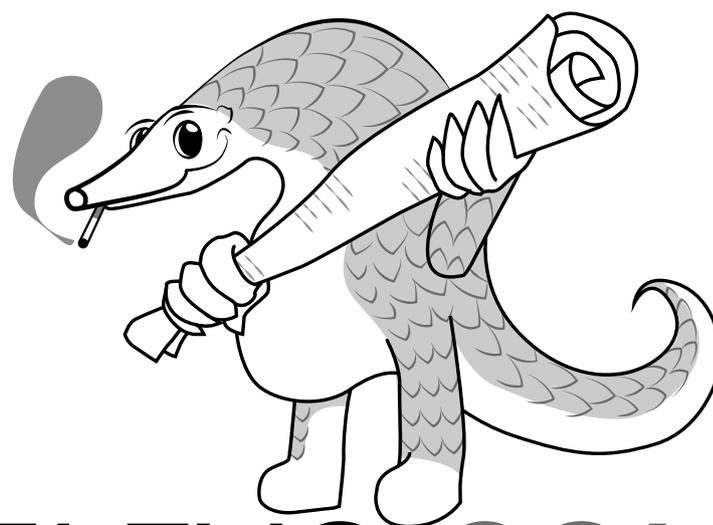
Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Nuno Rau
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 29 de agosto de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Osny Tavares
Whisner Fraga

Edição em homenagem à Jacqueline Carteri.



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

QUESTÃO CAIMBRÃ

Marco Aurélio de Souza Na edição de julho do **RelevO**, fui pego de surpresa por uma grosseria caluniosa contida numa carta do sr. Ademir Demarchi, que me chamou de desocupado por minhas contínuas contribuições ao periódico. Acionei meus advogados e, para a infelicidade do difamador, CONSEGUI meu direito de resposta, que está circulando na edição de agosto do mesmo jornal. Respondido o desagravo, porém, fica ainda o prejuízo incalculável para um veículo tão importante de nosso jornalismo cultural: depois dos impropérios de Ademir, as ações do Jornal caíram 27%, ao passo que a minha própria empresa de *poetry & laundry* precisou dispensar a maior parte dos seus colaboradores, ficando apenas com alguns gatos pingados, em geral estagiários. Esclareço a todos que o Mercado já está reagindo bem a esse duro golpe, embora o meio literário (e o mundo, por que não dizer) continue em choque com a atitude irresponsável do sr. Demarchi.

Ademir Demarchi Inestimado Sr. Marco Aurélio de Souza, surpresa é o sr. que causa ao comprovar sua soberba liquefeita de querer se esparramar caninamente demarcando poste por todos os rodapés supostamente literários dessa província e se derramar desembestado com a língua perdigotando para além de uma releção de cartas daquele jornaleco irrelevante que é o **RelevO** e vir vaziar nas redes insociáveis seu pinga-pinga de ressentimento monetário-poético que cai lá nos seus gatos pingados, coitados, vão se afogar esses seus escravos de casaco de pelo. Essa sua rou-pitcha de gralha, por signo e sinal, deixa-lhe uma graça grassando e grasnando aí de cima desse pinheiro desconfortável com sua presença, sabedor que corre risco de existir, o pinheiro, logicamente, porque já há uma certeza vinda do fato que o sr. é de uma família de madeireiros que devastou com essa sua barbinha amaciada em barber shop caipira, camisa xadrez, todo o arvoredo de Rio Negro e agora está comendo pelas bordas o que restou nessa cidade de nome impronunciável em que está para fazer mais e mais livros. Nem se livrou do encalhe dos 300 (Domingos Pellegrini Jr. disse) do livro anterior e já está vindo com outro com o sugestivo título de *Escória*. Isso sim é que causa surpresa, o sr. está desmatando o Paraná, Sr. Marco Aurélio de Souza, acabando com o BNH das gralhas, pra fazer esses livros furrecas cheios de versinhos lambrequinhos e se não bastasse isso, agora seu conglomerado empresarial-sensorial insatisfeito em desmatar, vai também poluir com plástico tentando ressuscitar essa mídia aposentada que é o CD com esse Lambrequim que desenterra múmias bate-lata que rotulam de “música”. Tendo tempo para cartinhas lovi lovi só comprova que é mesmo um desocupado e talvez seja isso, essa falta de ocupação que causa essa derrubada de mata e consumo de petróleo (fazendo subir o preço) pra fazer CD. Para com esse rendilhado, rapá. Faltou dizer, Sr. Sêmen da Contrariedade: deixa espaço para os outros que temos que usar guarda-chuva pra não tomar respingo.

Édina Silva Adoro briga literária. Continuem.

Silvana Oliveira Adorando a querela! Estaremos nós diante de uma atualizada e pós-moderna Questão Coimbrã? Ou seria uma Questão Paranã? Por favor, não parem!

Mariane de Souza Falando como os jovens de hoje, só tem *hater* quem tem *fandom*.

Alef Andrade Olá, **RelevO**. Sou eu novamente, Alef. Gostaria de agradecer as edições de cortesia que me enviaram, e queria dizer também que o jornal é magnífico, mas é uma opinião duvidosa, visto que esse é meu primeiro contato com jornal impresso ainda mais específico da literatura. Vi que algumas das mensagens que recebem por aqui acabam aparecendo por lá, o que me deu uma boa ideia de escrever um poema enquanto finjo estar dando feedback ao jornal mesmo sabendo que será ignorado por via das dúvidas. O que ocorre é que, na verdade, Cansado eu ando pensando Que o mundo me devora Quero que o mundo me devore Porque onde quer que eu olhe Só há um abismo maciço De pedras e metais De símbolos do que nos deixaram Das coisas banais e insuficientes Da vida fútil e imediatista. E o meu inconsciente Como bom coveiro Enterra fundo estas que estão aqui Estas que estão escritas nestes versos Ou nos olhos de quem lê. E aí a gente tenta rimar Com parágrafos repetidos E palavras custosas Mas erra na dose Porque a vida que toma Não se pode curar Com coisa nenhuma Com rima nenhuma... No mais, obrigado e sucesso no trabalho de vocês! Um grande abraço.

CARTAS PAGAS

Rodrigo Marins O melhor jornal do mundo.

Jordana Machado Capona linda!

Andressa Ledur Com linguagem irônica, o **RelevO** se destaca pela comunicação íntima com o leitor e transparência de todo o processo da produção. Quem disse que jornal é coisa de gente velha? Mês passado, a Rejane trouxe duas edições do Jornal para o escritório. Ela recebeu em casa como forma de divulgação deles... que deu super certo, pois não só ela, como eu também, assinei. O jornal mensal é composto de textos da literatura nacional e internacional, traduzidos, selecionados e também de autores desconhecidos. Poesias, crônicas, pinturas, textos de opinião, fotografias... um universo artístico inteiro, selecionado e reunido com destino ao Brasil inteiro. Além disso, traz textos super irônicos, com destaque para o editorial que, além dos nomes da equipe de produção, traz: “Revisão: às vezes”. Já na primeira página do jornal constam todos os nomes dos assinantes e os respectivos valores que cada um contribui; os gastos fixos com impressão e pagamento dos autores; gastos com correios e despesas totais; finalizando no resultado operacional, que nem sempre é positivo. Esse é o destaque. O periódico independente não visa sobretudo ao lucro, mas ao impulsionamento de autores (escritores, fotógrafos, ilustradores...). Sobrevive

essencialmente dos assinantes e anunciantes. Para a alegria dos saudosistas, logo depois disso vem as cartas enviadas por leitores, ou melhor, os comentários em redes sociais, e-mails e mensagens que a equipe recebe. Tudo ressaltando a ironia, as opiniões sobre cada texto e correções. Meus pais assinaram a vida inteira periódicos de notícias, então sempre estive cercada de jornais. Mas o que me interessava mesmo nesses eram as cruzadas e, às vezes, horóscopos. Descobrir o **RelevO** foi meio que me sentir nesse mundo adulto, de receber a assinatura de um jornal impresso todos os meses em casa. Essa é a graça. O impresso, o tato, o cheiro do jornal e como ele passa a tinta para os dedos, ou pode ser usado pra embalar as coisas depois (não tive coragem de fazer isso ainda com esse, mas lá em casa eu descuidei e quase foi pra churrasqueira). A saída das telas traz de volta a atenção concentrada para o papel. Não me distraio entre redes ou anúncios, nem notificações brotando a cada minuto. O impresso não morreu e nem vai. Recomendando a assinatura para receber todos os meses em casa, por apenas 70 reais por ano (só isso!)

Mariana Soeiro Muito daora ver as minhas letzinhas em papéis beijáveis e saber que gente que eu nem sei quem é vai ler. Espero que esses desconhecidos tenham sentido alguma coisa na leitura.

Fernanda Lira Capa do nº 12, do ano 12, dessa preciosidade que conheci via algoritmo. Jornal de literatura IMPRESSO, do tipo vivo vivo muito vivo no mundo real, de verdade mesmo — aquele papel de jornal, com a textura, o cheiro, essas coisas todas de que gosto horrores. Eles toparam publicar um poema meu e lá vão as letzinhas rodar o país, que alegria! “Monocultura eu comecei a escrever no dia em que comi lichia pela primeira vez. Sabe a fruta? Então. Tá dentro da edição de agosto — “divertidíssima”, palavra dos editores. R\$70 pra chegar na tua porta todo mês, por um ano. Pagas pra ver?”

Lucas Delfino Tentando dar ordem às milhares de imagens inúteis que faço dia a dia, encontro esta pérola da poeta — eu acenei desde a volta de um ciclone — recortada do divertido **RelevO**: “Que enfadonho ser alguém!”.

Patrícia Almeida Dantas Informo que já recebi dois exemplares do **RelevO**. Mui-tíssimo obrigada pela gentileza. Fotografei, postei no Instagram e marquei o Jornal, pois é mais uma forma das pessoas prestigiarem o belo trabalho que vocês estão desenvolvendo. Abraços!

Diogo Batista Mandei um conto para o **RelevO**, que infelizmente acabou não sendo aprovado, mas me mandaram uma edição física do mês de julho. Fiquei muito feliz com a gentileza. E se ainda não conhecem, recomendo demais, pois o conteúdo literário deles é maravilhoso!

Keli Vasconcelos Olá! Recentemente, escrevi que enviei trabalhos a um jornal, mas não foram aprovados. O editor disse que

mandaria exemplares. Chegaram ontem as edições do **RelevO**. Fiquei tocada. Até o envelope é lindo! Lerei tudo, melhorar e mandarei + textos (fotos até).

Juliete Vasconcelos Recebi há alguns dias a edição desse jornal recheado de textos incríveis!

Bruno Meirinho Hoje recebi a infalível edição do **RelevO**, com ilustrações/gravuras do aniversariante de ontem Yuri Campagnaro. Conheçam este periódico literário.

Renata Stuani Deus. “Adoro tua ausência, que há tempos não constrange ninguém”. Amo quando descobro um #poeta novo. Só mesmo o jornal literário **RelevO** para me mostrar esse escritor ucraniano chamado Serhiy Zhadan, que é da minha geração e faz um poema tão atual e maravilhoso. O Jornal é impresso e te alcança onde quer que você esteja, seja em São Paulo, seja nos EUA. Faço propaganda gratuita porque minha causa é a literatura. Evoé.

Teresa da Silva Gostei do conto “Freud” na edição de junho. Me lembrou as boas crônicas dos jornais de domingo que eu lia quando criança: leves e espirituosas. Gostei também da apresentação que o Piotr Kilanowski fez de Adam Zagajewski, Wasył Stus e Serhiy Zhadan. A editora 34 poderia editar as traduções que o Kilanowski possa vir a fazer das obras desses autores.

Lucas Tenório Prezados, recebemos o vosso Jornal. Um tanto quanto “sui generis”, interessante e de muito bom gosto! Atenciosamente e abraços!

Sergio Schargel Acuso o recebimento do jornal. Uma vez mais, obrigado pela gentileza. As edições estão muito bonitas, e adorei os trabalhos que li (ainda vou ler com mais profundidade e calma em breve). Vou levar os jornais semana que vem para a pós para que colegas acadêmicos das letras também possam conhecê-lo e, quem sabe, enviar trabalhos. Um grande abraço.

Ana Claudia Vargas Olá, agradeço o envio do Jornal. Estou lendo com muito interesse e gostando bastante. Lembrei dos “antigos” (e tão necessários) suplementos literários que não mais existem e que fazem muita falta. Tenham uma boa semana e obrigada novamente. Abraços.

Carlos Miguel Olá novamente. As edições de março, abril e maio chegaram no meu endereço antigo e, por incrível que pareça, a de fevereiro de 2021 chegou no endereço novo, apesar de ter havido um engano na hora de escrever o endereço de envio (lá embaixo eu escrevi o endereço novamente). Fiquei bastante contente de poder ler as edições físicas e já emprestei a alguns amigos que mostraram interesse em assinar o jornal.

Ana Luíza Fuchs Ei, boa noite! O jornal chegou e vou te falar: que delícia! O cheirinho, o papel, o senso de humor ácido de algumas partes e a riqueza de conteúdo... Sério, cês são incríveis (perdoa meu mineirês!) Quero muito assinar (olhei no site,

e esse mês meu salário já acabou, mas mês que vem cês ganham uma nova assinante). Por favor, continuem esse trabalho, que é gostosíssimo de conhecer. Obrigada mesmo pela cortesia! Um grande abraço.

Caio Victor Bulla de Carvalho Boa tarde, tudo bem? Em primeiro lugar, queria registrar que estou curtindo demais a leitura do **RelevO**, que trabalho excepcional estão fazendo. Destaca-se muito pelo humor que conduz a publicação, não muito fácil de encontrar nos veículos literários e tão importante nesses dias, estamos precisando. Grande abraço!

Mauro Augusto Boa tarde. Recebi o jornal! Pude dar uma folheada, vou ler tudo com calma. Encantei-me com a homenagem que o Jornal faz citando os colaboradores de tantos anos! Senti uma emoção vendo isso! Percebo o impresso como a perene magia da Poesia! Assim como quando folheio livros. A qualidade do Jornal é ímpar. O valor é muito acessível. Eu pretendo assinar, assim que possível, eu estou no cartão de crédito no momento... Deus abençoe o trabalho magnífico da equipe. Grande abraço. Todo sucesso ao **RelevO**!

Thay Fracarolli Oiii! Não me esqueci não, viu! Tive um pequeno imprevisto e tive que esperar um pouquinho pra ver se ia sobrar a grana do jornale. Não sobrou! Mas eu é que não vou ficar sem meu jornaleco ♥ A vida já não é mais a mesma sem o **RelevO**.

Laura Cascardi Boa noite, muito obrigada pelos jornais! São delicados e lindos e bastante informativos e cheios de poesias. Amei!

Igor Castanheira dos Santos Caros, apesar de não ser assinante (sou apenas um escritor que enviou material para o jornal), gostaria de oferecer algumas sugestões. Antes de mais nada, mesmo não tendo experiência como editor, sou formado em Ciências Econômicas, pela UFV, e em Marketing, pela UNA. Até mesmo autopublicei um livro. Fiz esse breve resumo do meu currículo para que não achem que estou tirando as ideias debaixo do braço e, acrescento que só quero ajudar. Vamos a sugestões:

1. Invistam em textos mais curtos, como crônicas ou contos. Ao publicar algo como um excerto de um livro, ainda que o material seja muito bom ou seja uma propaganda paga, a atenção do leitor pode se dispersar ou até mesmo frustrá-lo por não ter acesso ao conteúdo todo no mesmo momento. Nessas situações, sugiro resenhas sobre os volumes;
2. Publiquem também resenhas sobre filmes e músicas, juntamente com a dos livros, ao menos uma de cada;
3. Se forem investir em material mais longo, sugiro publicá-lo na forma de folhetim, mesmo que não se trate de material inédito, entrando em acordo com o autor da obra em questão;
4. Procurem publicar, nos moldes dos jornais de antigamente, histórias em quadrinhos seriadas, só que, em vez de tiras, publi-

quem uma página inteira por edição;

5. Os itens 3 e 4 funcionariam numa forma de fidelização e conquista de novos leitores. E posso ajudá-lo em ambos, se estiver interessado (não só escrevendo, uma história que possa ser serializada, mas também colocando em contato com um amigo que é quadrinista).

6. Nem toda colaboração publicada precisa ser paga. Abram espaço para novos escritores, se puder, pois muitos almejam uma chance de mostrar seu trabalho, ainda que inicialmente não sejam pagos por isso. E tais escritores, obviamente, se tornarão leitores.
7. No caso do item anterior, creio que seja adequado que o espaço seja destinado, em sua maioria, a crônicas, por serem textos menores.

8. Procurem publicar entrevistas com os colaboradores ou personalidades as quais tenha fácil acesso. No mais, espero não tê-los ofendido com minhas sugestões.

Da redação: não ofendeu, somente não concordamos e não praticamos alguns dos itens, como não pagamento de colaboradores e cessão de espaço pago travestido de editorial. Outras ideias, como a publicação de HQ's, nos interessa e tentamos publicar tal gênero com alguma regularidade. Em linhas gerais, não concordamos que os textos devam ser mais curtos, afinal, somos um jornal de apenas 24 páginas.

MARKETPLACE

Alex Zani Na edição de junho eu aproveitei o espaço para anunciar meu Fiat Uno Fire 1.0 4 portas 2006. Felizmente, acabou dando tudo certo e fiz a venda para um leitor do **RelevO** graças ao anúncio que saiu lá. O único problema é que, quando fui enviar o email com o anúncio para vocês, acidentalmente digitei um 0 a mais no valor, passando de R\$2.600,00 para R\$26.000,00. Sendo assim, como vendi por um valor acima do esperado, gostaria de beneficiar o jornal com uma parte dessa venda. Estou indo passar uma semana em Paris, mas assim que eu voltar podemos conversar e combinar um valor que ajude vocês por aí. Acho justo.

EDITORIAL

12 + 1: o que nunca fizemos

Cento e sessenta edições.

O **RelevO** completa 12 anos e chega a um número redondo de circulação, quase como um acaso beneficente: 12 anos de circulação ininterrupta e mais de 5 mil assinantes diferentes (hoje, somos pouco mais de 1050 assinantes regulares). Embora tenhamos feito um pouco de tudo ao longo desse período, seguimos virgens em algumas atitudes. Por exemplo, nunca fizemos:

1. Acordo com escritor em troca de assinatura ou privilégio editorial.
2. Acordo com editora em troca de resenha ou espaço preferencial.
3. Concessões humorísticas por conta de assinantes que cancelaram assinaturas em função do nosso humor. Jamais deixamos de publicar textos considerados impróprios para uma parcela de nossos assinantes e anunciantes. Também nunca...
4. Servimos de palanque político-partidário para qualquer figura naturalmente transitória.
5. Alegamos que somos a salvação da literatura brasileira ou o maior jornal de literatura do Brasil.
6. Agredimos idosos na FLIP.
7. Escondemos nossas dificuldades, pontos cegos ou limitações.
8. Deixamos de apresentar nossas melhorias, aprimoramentos e evoluções logísticas.
9. Mímamos o artista/escritor/poeta, tratando-o como sujeito sagrado e removido da sociedade. [Sempre respeitamos quem tem contas a pagar – e torcemos o nariz para quem não tem.]
10. Deixamos de publicar ofensas, críticas agressivas, reações exacerbadas, violências originais e todo tipo de insulto de que, muitas vezes, fomos merecedores ou que simplesmente nos entreteram muito.

Por fim, também (11) nunca deixamos de, em alguma medida, nos divertir. Parece besteira, mas é o vício inerente capaz de nos manter operacionais. Acreditamos na leveza e, seguindo a lógica habitual, o desafio para os próximos 12 anos é existir. Que venha o 13.

Uma boa leitura a todos!

APOIADORES



@solteoverbo.linguas



OMBUDSMAN

Nuno Rau

NOTAS MARGINAIS AO TEXTO DE JACK LONDON, ou Pasolini mais moderno que todos nós, procurando irmãos que não existem.

A verdade é que ainda estou em dúvida, e mais que isso: são, agora, mais de duas semanas em estado de suspensão. Perguntar aos editores sobre a verdade estragaria o tribunal íntimo a que me entreguei, não sem um certo prazer. A beleza está muitas vezes no caminho, na deriva, a chegada tem um quê de previsível, a concretude dos fatos pode ser aborrecida e os contornos diluídos abrem possibilidades de sentido – podem também retirar o chão. O fato: não tenho certeza se a seção de cartas está sendo utilizada como espaço de ficção. Não totalmente, porque isso seria sonegar a correspondência real, exercendo uma escrita ora crítica, ora onírica, ora autoelogiosa, algumas vezes vazada de humor, e não é essa a proposta do **RelevO** na seção “Cartas”. Talvez a dúvida tenha me bloqueado porque a estratégia me interessa muito como forma de questionar o estatuto do real, desabilitar certezas, inserir níveis de indeterminação no sistema – mas há indícios que apontam para a constatação de que aquelas cartas são verdadeiras: (i) o editorial, onde se busca explicar o óbvio (que justamente por ser óbvio nem sempre é percebido), (ii) a afirmação (ficcional) de que “é tudo real” na parte 4 da seção “Enfazedinhos”, e, por fim, (iii) a coexistência com cartas que são reais, foram de fato enviadas. Existe, claro, uma outra hipótese, que é de poetas/escritor_s usarem a seção de correspondência para exercitar um tipo de laboratório, criando tipos, propondo debates por meio dessas cartas-garrafas de naufrago.

De que cartas estou falando? Das *cartas-não cartas*, as que foram supostamente enviadas por potenciais colaboradores que tiveram seus textos recusados pelo jornal: Renata (ou Renato?) Duque, Feliciano Moreira, Ramiro Gregorin, Ronald Cabello, Alves Viana e Vanderley Gonçalves, reais, imaginários ou reais-imaginários, destilam sua amargura por não conseguirem (ainda, existe sempre um *ainda* nessa etapa) aceder ao status de autores publicados. Pondo de lado que meus planos consistiam em seguir conversando sobre alguns aspectos da poesia e da prosa contemporâneas, e falar disso a partir das ideias de Pasolini, o desvio que a dúvida causou pode ser útil para alguns aspectos da relação com a escrita. De saída, na hipótese de serem reais as manifestações, o texto de Jack London traduzido por Eder Capobianco tem tudo

que aponta para o quão fora de foco elas estão, e de modo tão intenso que essas linhas poderiam ser apenas notas à margem de “Sobre a filosofia de vida do escritor” (p. 6 e 7 da edição de agosto). É curioso como London afirma a escrita como trabalho humano, propõe uma relação com a tradição que não imobilize ou esvazie seus resultados – como é o caso dos *chatoboy*s neoparnasianos e seus sonetos insossos, inermes, inanimados –, e vincula, na medida exata, texto e experiência vital, sendo esta filtrada pelo pensamento. Ele é explícito: “Ao nascer eles [os que London considera talentosos, originais, os que possuem uma filosofia de trabalho] devem ter sido muito semelhantes a todos os bebês, mas de alguma forma, do mundo e de suas tradições eles adquiriram algo que seus companheiros não adquiriram. É isso não era nem mais nem menos do que algo a dizer. Agora você, jovem escritor, tem algo a dizer, ou apenas pensa que tem algo a dizer? Se você tem, não há nada que impeça que você o diga.” Essa última afirmação me faz lembrar de Antônio Abugamra quando disparava a seguinte fala para seus entrevistados no programa “Provocações” “Agora use sua liberdade, a que talvez você nunca tenha tido e que gostaria de ter por um momento, e fale para aquela câmera tudo que você gostaria de dizer”. O efeito da pergunta era, quase invariavelmente, curioso: as pessoas ou travavam ou diziam banalidades – a liberdade de dizer assusta, e na escrita não é muito diferente.

O que London afirma, no entanto, leva a pensar sobre o porquê da escrita. Em certa medida – e acho que já falei sobre isso em alguma edição –, é um ato solitário, mas apesar de existir a outra dimensão, coletiva, social, e apesar de que o ato de publicar seja de fato importante, imprescindível – porque tornar público um texto cria o potencial do diálogo e da crítica –, se quem escreve tem uma relação de dependência quase sôfrega com a publicização do que produz, algo está no lugar errado. Minha premissa é a seguinte: todos devemos escrever indiferentes à recepção, seja de editoras, de revistas, jornais, leitor_s etc. Não se deve buscar alimento nessas relações, elas são *o depois* da escrita, e podem vir ou não, inclusive de modo desvinculado da qualidade e significado da produção (claro que aqui tangenciamos um terreno complexo, pantanoso e impossível de esgotar no espaço de

uma coluna – a definição do que seja qualidade num poema, conto, romance). Há casos bastante emblemáticos e conhecidos em que elas não vieram, ou não vieram com a proporção merecida (Emily Dickinson e Fernando Pessoa, por exemplo), porque ao fim e ao cabo é tudo muito aleatório: premissas de editores, comissões editoriais, júris de concursos, todos que viabilizam a publicação e veiculação do que quer que seja escrito. São tramas complexas, e, nesse campo, ancorar nosso trabalho a expectativas é desviar o foco do mais importante: escrever *apesar de, apesar de, apesar de*.

Não raras vezes alguém atravessou esse assunto num poema; é o caso de Pasolini, que afirma a potência da escrita em “Eu sou uma força do Passado”, escrito em 1964, aqui em tradução de Régis Bonvicino: “Eu sou uma força do Passado/ Somente na tradição está o meu amor/ Venho das ruínas, das igrejas/ dos retábulos, das aldeias/ abandonadas dos Apeninos ou Pré-Alpes/ onde habitavam os irmãos/ Vago pela Tuscolana como um louco,/ pela Apia como um cão sem dono./ Vejo os crepúsculos, as manhãs/ de Roma, da Ciociaria, do mundo,/ como os primeiros atos da Pós-História,/ que testemunho, por conta da idade,/ da borda extrema de qualquer época/ sepulta. As vísceras de uma mulher morta/ pariram um ser Monstruoso./ E eu, feto adulto, vagueio/ mais moderno que todos os demais/ a procurar irmãos, que não existem mais”. O poema é carregado de significados complexos, ancorados na História, além de ser composto por muitas camadas. Ser uma força do passado, por exemplo, significa para ele “perceber a parte mais vital de nossa memória, morada de nossas memórias e conflitos”. E compreender o passado é essencial, porque não tê-lo entendido implica em revivê-lo como farsa: “viver o passado em forma de pedra significa remover a parte vital”, segundo o próprio Pier Paolo.

O principal aqui, penso, é perceber que o poema é um modo de estar no mundo, de esgrimir com a História, de enfrentar as contradições, inclusive as nossas – e sob essa ótica o chororô de ser ou não publicado parece vir de quem foi criado a leite com pera e ovomaltine na bandeja. Existe algo mais afastado da poesia, da literatura, da arte? Claro que há: os fascismos, por exemplo. No entanto, deixar de sentir-se o

centro do mundo e aproveitar o tempo em trabalhos não contraproducentes como indignar-se por ser recusado me parece mais sintonizado com o que Jack London prescreve. Não custa lembrar também que a longo prazo estaremos todos mortos. Colocar a morte em perspectiva costuma ser um bom exercício para diluir essas veleidades. Outra coisa produtiva é a raiva, bem dirigida, contida em margens de ferro e transmutada em esforço de produção, escrever é trabalho humano que sempre permite ser aprimorado, ajustado. Resumindo ao máximo: é preciso parar de lero-lero e ir à luta.

Mas ainda não falei quase nada sobre o **RelevO** de agosto... Invertendo o pêndulo de edições anteriores, apenas dois textos em prosa estão presentes: um trecho de “Metamorfoses do Sr. Ovídio”, de Julia Raiz, e “mas que inferno”, de Mariana Soeiro. Contos curtos e pedaços de romances ou novelas não deixam entrever, exatamente, o potencial de um autor, uma autora, trazem sinais desse potencial, e o maior deles é nossa curiosidade por ler mais – o que os dois textos provocaram em mim. A poesia ocupou, também proporcionalmente, mais espaço. As traduções de Piotr Kilanowski para poemas de Halyna Petrosaniak, Vasyl Stus e Serhij Zhadan se ocupam do problema da guerra e suas consequências nos indivíduos, e as boas surpresas que foram os poemas “9 tempos para entrar no mar”, de Raquel Zepka, e “Monocultura”, de Fernanda Lira, panorama que é completado pela tradução feita por Laura Assis do poema “A casa”, da poeta queniana Warsan Shire. Todos os poemas deslocam perspectivas, cada um a seu modo, afirmam um olhar diferente sobre a parte da realidade que trazem à superfície – e este é um traço da poesia que diz ao que veio. No mais, continuo curtindo as colunas Enclave e Brazilliance, sem deixar de lembrar que poesia e ficção são o que fazem de **RelevO** um jornal sempre esperado por leitor_s (menos pelos recusados indignados).

Pós-escrito: para que todo o acima escrito não ganhe ar de encenação, preciso dizer que antes de escrever os dois últimos parágrafos não aguentei a curiosidade e perguntei ao editor se as cartas eram reais. Não sem algum espanto (porque havia a esperança do contrário) recebi a confirmação: as manifestações indignadas de autores recusados – sim, ao que parece todos do gênero masculino – são absolutamente reais.

Proposta de abordagem não-biopolítica para a escolha do melhor esporte

Ou: como ser ligeiramente ofensivo para fãs de vários esportes ao mesmo tempo.

Bolívar Escobar

Infelizmente, por motivos óbvios, é impossível que um humano consiga praticar todos os esportes que existem. Na verdade, é bem provável que, em média, ao longo da vida, tenhamos contato com não mais do que uma ou duas dúzias de modalidades. Algumas dependem muito mais de questões econômicas e poder aquisitivo para os equipamentos do que de disponibilidade de tempo, mas mesmo suplantando esse obstáculo socioeconômico, algumas desvantagens geográficas também impactam nesse cálculo. Em resumo, o esporte é algo que é consumido muito mais como espetáculo do que como prática pela vasta maioria da população mundial.

De fato, quando uma pessoa se dedica a um esporte profissionalmente, ela acaba encerrando sua janela de opções ainda mais, pois precisa condicionar seus músculos, estrutura óssea, dieta nutricional e patrocínios em torno dessa escolha. Um maratonista ainda pode jogar tênis de mesa, claro, mas vai ser difícil pivotar para algo mais arrojado como o sumô, e vice-versa. Tudo bem, a mudança de carreira é um fardo assombroso que não se restringe ao atletismo, mas o ponto que trago aqui nesse texto é outro.

É muito triste constatar que sempre que alguém tenta decidir qual é o melhor esporte, os critérios de escolha ainda estão fundamentados no discurso da prática e de seus supostos benefícios. “Natação é o melhor esporte, pois trata de qualquer problema da coluna”. “Boxe e Muay-Thai são os melhores esportes, pois você aprende a dar soco, se defender”. Nada disso faz sentido, pois pessoas diferentes possuem necessidades fisiológicas diferentes, e o posto do melhor esporte deve, acima de tudo, considerar a acessibilidade. Para piorar, nada impede que surjam novos esportes que pouco ou nada tenham a ver com a solidez do mundo real e sua violência: *e-sports* são verdadeiras exaltações do sedentarismo.

Outro critério possível seria de caráter psicológico: o esporte mais legal é o que causa mais emoção. A brecha epistemológica que esse inocente e preguiçoso critério abre é justamente o que pretendo abordar aqui: um esporte não precisa ser praticado para ser considerado bom.

O verdadeiro (e quiçá único!) critério para eleger o melhor esporte é o quão legal ele é de assistir. A seguir, listo alguns esportes cujo espetáculo eu pude presenciar e decidir se eu gostei ou não.

Futebol: vamos começar pelo mais popular. A vantagem estratégica que torna o futebol um esporte espetacular por natureza é o fato do seu *game design* restringir toda a ação a um campo muito bem delimitado. Isso significa que é fácil cercar esse campo com espectadores e, com alguma engenharia, empilhar esses espectadores com a ajuda de uma arquibancada ou andaime. Logo, cria-se o cenário perfeito para criar fãs na ordem de centenas de milhares para cada uma das 22 pessoas em campo. Os espectadores não precisam se mover, apenas acompanhar a bola com os olhos. É muito mais fácil do que assistir a uma maratona: a não ser que você esteja em cima de uma montanha bem alta ou que você corra acompanhando os atletas, ser torcedor de maratona só se tornou uma realidade com a tecnologia televisiva. Ou você poderia ficar aguardando na linha de chegada também, mas isso é muito mais sobre passar uma tarde com a galera do que torcer por um esporte.

O que define se uma partida de *futibas* é legal, no fim das contas, são dois critérios: o primeiro, não muito raro, é o laço de empatia. Se você gosta muito dos jogadores(as), ou da cor da roupa que eles(as) usam, você acaba querendo muito saber se eles(as) estarão felizes no fim do jogo. O outro critério é a técnica. Observar uma pessoa ser capaz de fazer algo impossível é sempre garantia de espetáculo, e no futebol a impossibilidade se cria de diversas maneiras. A começar por posicionar uma pessoa alta e com incríveis reflexos pra proteger a goleira. O critério da técnica aparece com recorrência como preferencial na maioria dos esportes aos quais alguém decide assistir. Ainda há um critério extra, que é o fator-surpresa. A possibilidade de surgir um cachorro correndo pelo campo é o que torna o futebol um dos mais incríveis esportes, na minha opinião.

Futebol americano: há algo de estranho e nefasto nesses esportes estadunidenses que os deixam particularmente difíceis de assistir. O *american football* é um caso que concilia regras crípticas de funcionamento com um intervalo de ação curto demais para sequer empolgar o público, apenas incomodá-lo. Os jogadores se organizam, o juiz apita, a porrada come solta, o juiz apita de novo, quem continua vivo vai se levantando e se organizando. Repete. O time que empurrar a bola para mais lá do campo faz o juiz dar um apito mais longo e todo mundo volta a se reorganizar no meio do campo. Nada muito complicado se não comessem a vir com o blá blá blá do sistema de medidas imperial e alegar que faltam ainda tantas JARDAS para um *kickoff*. Algo em mim me faz suspeitar que o apelo midiático do futebol americano está centrado nesse rápido intervalo de ação. Em poucos segundos o importante acontece e então os espectadores podem parar novamente de prestar atenção, mexer no celular, comer um hot-dog. Percebo uma lógica semelhante no *baseball*. Talvez, para pessoas que não conseguem ficar mais de 30 segundos prestando atenção em alguma coisa, esses esportes sejam legais.



"escrevo de uma fenda, do não-espaco e do não-tempo, invisível no mais fundo da terra e no mais alto céu, sem voz, sozinho e solitário, e assustadoramente livre.
" da margem, a voz que salva é a poesia, a resistência, a luta é o amor e a verdade.
"a poesia do poeta, o tesouro da criança, o aniquilamento das guerras".



Basquete: falando em coisas que se resolvem rapidamente, as partidas de basquete se assemelham mais a uma espécie de dança grupal do que a uma competição entre dois times. Há um ritmo tão concatenado entre as equipes que a alternância de movimentos de uma cesta a outra cria uma expectativa maior para os bloqueios e roubadas de bola do que para os arremessos. Acho que o basquete atrai o público do mesmo jeito que um hipnotizador atrai suas vítimas. O hipnotizador tem vítimas, certo? Não sei de que outra forma me referir a uma pessoa hipnotizada.

Vôlei: se eu tivesse que resumir a experiência de ser um espectador de vôlei em uma palavra, ela seria *insistência*. O jogo de vôlei moderno tem um ritmo acelerado, um oferecimento dos grandes impactos proporcionados por cortadas e saques violentos. Cada vez mais, os jogadores treinam para arreentar os dedos e braços adversários e fazer a bola cair no chão. Justamente por isso, cada vez mais os mesmos jogadores precisam treinar para que ela jamais o faça. Assistir a um jogo de vôlei é presenciar a bola insistindo em continuar no ar, desafiando a gravidade, o olho seco do adversário e o clima horrível que se cria na quadra nos segundos que parecem se arrastar por milênios enquanto o ponto não acontece. É a mais absurda experiência esportiva da atualidade.

Natação: vamos combinar que a grande vantagem de ficar apenas assistindo aos esportes aquáticos é não precisar se molhar. Mas isso prontamente se reverte se estiver muito calor. Mas aí o legal de estar na piscina é não precisar se mexer, que é o oposto de qualquer esporte. Para quem assiste, a natação é muito confusa. Talvez, na época dos lagos e rios naturais, uma pessoa apostando corrida contra outra na água seria divertido, os obstáculos e animais selvagens garantiriam o fator-surpresa. Mas hoje, se não é um sensor me avisando quem chegou na beirada primeiro, eu nem consigo dizer o que estava rolando ali naquela bagunça de respingos e tensão superficial.

Fórmula 1: esporte de corrida de automóvel, além de ser uma chatice do caramba, é uma barulheira desgraçada. Hahaha fui bem parcial nessa né. É porque eu realmente não gosto e não vejo graça, mas acredito no poder arquetípico da velocidade. Coisas se movendo rápido demais disparam gatilhos mentais, deixam a galera alucinada, com vontade de apostar corrida no semáforo etc. Nesse sentido, o que me comove é que os caras tiveram que criar tantas regras para o doping automobilístico que a engenharia dos carros acaba precisando seguir uma fórmula — e por isso o nome da modalidade. É o mesmo que ocorre nos exames antidoping dos atletas, mas nenhum esporte ganha o nome do corpo perfeito que o pratica. É como se o boxe passasse a se chamar “Músculos Grandes Naturais 1” (a numeração varia conforme os pesos).

Luta: já que toquei no assunto, assistir a lutas é sempre uma satisfação. Poder ver alguém apanhando e não sentir culpa é muito bom e quase correspondente às mais ancestrais necessidades fisiológicas. É uma pena que a burocracia das modalidades tenha criado condições para que a porradaria saudável acabe se convertendo, muitas vezes, em um agarra-agarra sem fim que demande visão técnica de um comitê especializado para decidir qual dos lutadores sofreu mais. A triste conclusão a qual eu chego é que assistir a um filme de luta, coreografado, é mais legal que assistir às lutas em si. Repousaria no estranhíssimo *wrestling* um meio-termo que, em sua indefinição, resolveria o impasse? Eu não sei, pois não me odeio o suficiente para me tornar um espectador de *wrestling*.

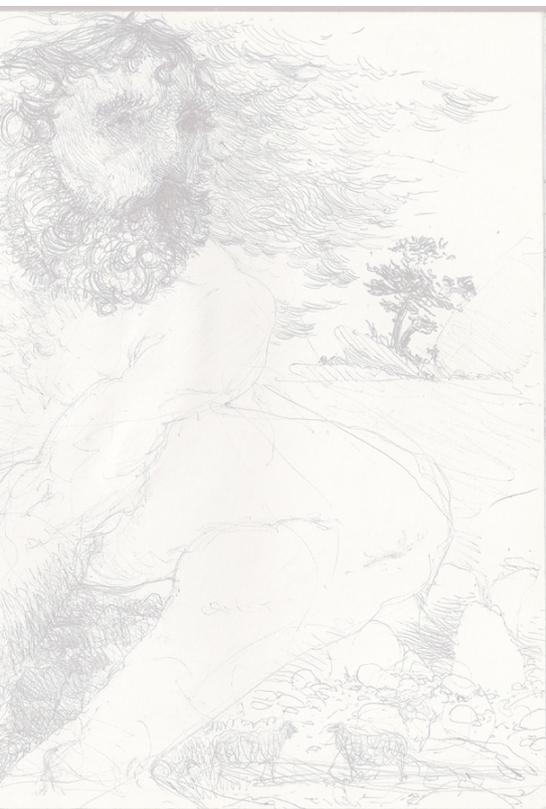
Hipismo: se assistir ao hipismo fosse divertido, as brilhantes e homogêneas pelagens dos cavalos já estariam cobertas de adesivos e tatuagens de patrocinadores. Em algum momento, o hipismo ficou tão chato que mesmo enchendo o percurso de obstáculos, barras, buracos e o caramba, poucas pessoas se mostram empolgadas com o espetáculo — tirando, obviamente, os parentes do jóquei (e do cavalo). O que atrairia o público para essa modalidade seria o bom e velho recurso da aposta monetária, que ainda move pequenas multidões para hipódromos. Mas há quem veja nisso mais uma das várias polêmicas filosóficas quando animais são envolvidos nos esportes. Afinal, a medalha é do cavaleiro ou do cavalo?

Skate: poucas atividades humanas gozam da mesma trajetória de sucesso do skate: de crime à modalidade olímpica. Assim como seu ancestral das águas, o skate se baseia na ideia de fazer coisas legais se equilibrando em uma tábua, e isso é muito mais interessante (e seguro) de assistir do que de praticar. Por sorte, os atletas do skate parecem não se importar com os artifícios e obstáculos absurdos que são impostos em seus caminhos para agradar os espectadores. Uma rampa de 200 metros? Um campo cheio de escadarias e buracos? Uma jaguatirica solta perseguindo os skatistas? Em nome do entretenimento, esses guerreiros parecem estar dispostos a tudo.

Atletismo: o atletismo é o suprassumo da técnica. É a resposta para a primeira pergunta feita pelos ancestrais da raça humana: *quão longe será que eu consigo jogar essa pedra?* Repousa, na prática do atletismo, os limites da vida. O inalcançável e o incalculável. A doideira. O que diferencia uma atividade qualquer, por exemplo, escovar os dentes, de uma das várias modalidades do atletismo? Por que eu consigo ganhar uma medalha arremessando um disco, mas não trocando um galão d'água de 20 litros? Gosto de pensar que no atletismo, de alguma maneira, está escondida a lógica que nos faz humanos. O esporte pelo esporte, em si. Às vezes me recordo dos inúmeros debates sobre o que nos diferencia dos outros animais. A hipótese da consciência humana é muito bonita, mas ela não diz muita coisa se considerarmos que, de fato, ainda não sabemos muito bem o que é isso. Fazer ferramentas? Também não, já que um corvo bem treinado consegue entortar um arame pra fazer ganchos e puxar comida pra fora de buracos. O polegar opositor? Também não. Linguagem? Difícil acreditar que esse fenômeno é só nosso. Prefiro acreditar que nossa essência, se ela realmente existe, é líquida: está no nosso suor. Desculpem a digressão filosófica, mas é que acho legal assistir ao atletismo nas olimpíadas.

Conclusão: uma luta de boxe-xadrez (*chessboxing*) funciona da seguinte maneira: os lutadores sobem ao ringue. Este contém, em seu centro, uma mesa com um tabuleiro de xadrez com as peças já posicionadas para o início do jogo. Ao soar do gongo, os atletas se sentam, se cumprimentam e começam a partida. O primeiro round dura três minutos. O gongo soa novamente, fazendo uma equipe de contrarregras subir ao palco também, para desmontar a mesa de xadrez e abrir espaço. Os lutadores se preparam, calçam luvas, recebem instruções do técnico, colocam o protetor dental e trocam socos por dois minutos. No próximo soar do gongo, a mesa volta ao ringue para mais uma rodada de xadrez. São oito rounds até o fim da partida. A vitória pode ser por esgotamento do tempo (a partida de xadrez tem um *timer* de 6 minutos para cada jogador), por xeque-mate ou por nocaute (mais raro). É muito difícil alternar entre os estados mentais de uma luta corporal e do esforço intelectual do xadrez, mas foi provavelmente esse contraste que fez o escritor francês Enki Bilal (risos) ter a ideia desse esquisito esporte.

Mas é aí que está o X da questão. Todos os esportes são muito esquisitos se você olha pra eles do jeito certo. A graça de assistir a essas modalidades estranhas é justamente saber que eu não gostaria de estar ali, apanhando enquanto penso na minha próxima jogada no xadrez. Mas não faz mal dar uma olhadinha em quem resolveu, por um motivo provavelmente autojustificável, estar ali, naquele momento.



Gloria Evangelina Anzaldúa

Tradução de Gabriela Aparecida de Oliveira

La Prieta

“La Prieta” é um ensaio autobiográfico de Gloria Evangelina Anzaldúa (1942–2004), escritora lésbica, feminista e chicana. Sua primeira versão foi publicada no livro *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color* (1981), uma antologia editada pela própria autora e por Cherríe Moraga (1952), escritora, feminista, ativista, poeta, ensaísta e dramaturga mexicano-estadunidense. A obra reúne escritos de mulheres “terceiro-mundistas”. A versão atual, que será publicada em duas edições no Relevo é da editora Suny Press (2015, p. 198–219).

Quando nasci, *Mamá grande*¹ Locha inspecionou minhas nádegas em busca da mancha escura, o sinal de índio, ou pior, de sangue mulato. Minha avó (espanhola, em parte alemã, o toque de realeza logo abaixo da superfície de sua pele clara, olhos azuis e os cachos de seu cabelo outrora louro) se gabaria de que sua família foi uma das primeiras a se estabelecer na extensão de terra do Texas sulino.

Pena que minha filhinha era morena, *muy prieta*, tão morena e diferente de seus próprios filhos de pele clara. Mas ela amava minha filhinha de qualquer maneira. O que faltava em brancura, sobrava em esperteza. Mas *era* uma pena eu ser morena como uma índia.

“Não saia no sol”, minha mãe me dizia quando eu queria brincar ao ar livre. “Se você ficar mais escura, eles vão te confundir com uma índia. E não suje suas roupas. Você não quer que as pessoas digam que você é uma mexicana suja”. Nunca lhe ocorreu que, mesmo sendo americanos de sexta geração, ainda éramos mexicanos e que todos os mexicanos são, em parte, índios. Passei minha adolescência combatendo suas ordens incessantes de banhar meu corpo, esfregar o chão e os armários, limpar as janelas e as paredes.

E quando entrávamos na carroceria do caminhão do “patrão” que nos levaria aos campos, ela perguntava: “Onde está seu chapéu de sol?” *La gorra* – a borda mantida firme por ripas de papelão, o babado do pescoço caindo sobre meus ombros – fazia com que eu me

sentisse um cavalo com antolhos, um membro da Legião Estrangeira Francesa ou uma freira curvada por sua touca.

Um dia, no meio da plantação de algodão, joguei a *gorra* fora e coloquei um *sombrero*. Embora não me protegesse do sol de 43°C do Texas tão bem quanto a *gorra*, agora eu podia olhar em todas as direções, sentir a brisa, secar o suor do pescoço.

Quando comecei a escrever este ensaio, há quase dois anos, o vento a que estava acostumada de repente se transformou em um furacão. Abriu a porta das velhas imagens que me assombravam, os velhos fantasmas e todas as velhas feridas. Cada imagem, uma espada que me corta, cada palavra, uma provação. Aterrorizada, deixei de lado o rascunho deste ensaio por um ano.

Fiquei apavorada porque, ao escrever este livro, serei dura com as pessoas de cor que são as vítimas oprimidas. Ainda estou com medo porque terei que nos acusar de um monte de merdas como nosso próprio racismo, nosso medo das mulheres e da sexualidade. Um dos meus maiores medos é o de me trair, de me consumir em autopunição, de não ser capaz de superar a culpa que me oprimiu durante anos.

Essas minhas duas mãos
rápidas em golpear minha face
antes que os outros a golpeiem²

Mas, acima de tudo, tenho pavor de fazer da minha mãe a vilã da minha vida, em vez de mostrar como ela tem sido uma vítima. Estarei traíndo-a neste ensaio por sua deslealdade inicial em relação a mim? Com o terror como meu companheiro, mergulho em minha vida e começo a trabalhar em mim mesma. Onde tudo começou, a dor, as imagens que me perseguem?

Imagens que me assombram

Quando eu tinha três meses de idade, pequenas manchas rosa começaram a aparecer na minha fralda. “Ela puxou os esquimós”, disse o médico à minha mãe. “As meninas esquimós menstruam mais cedo”. Aos sete anos, despontaram meus seios. Minha mãe os envolvia em cintas de algodão justas para que as crianças na escola não os achassem estranhos ao lado de seus próprios mamilos achatados e castanhos. Minha mãe pregava na minha calcinha um pedaço de pano dobrado. “Fique com as pernas fechadas, *Prieta*”. Este, o segredo profundo e sombrio entre nós, seu castigo por ter fodido antes da cerimônia de casamento, meu castigo por ter nascido. E quando ela ficava brava comigo, ela gritava: “Cuidei mais de você do que de todos os outros e você nem agradece!”. Minha irmã começou a suspeitar

do nosso segredo – que havia algo “errado” comigo. Quanto você pode esconder de uma irmã com quem dormiu na mesma cama desde a infância?

O que minha mãe queria em troca por ter me dado à luz e me nutrido era que eu me submetesse a ela sem rebelião. Era uma habilidade de sobrevivência que ela estava tentando me ensinar? Ela se opôs não tanto à minha desobediência, mas ao meu questionamento sobre seu direito de exigir obediência de mim. Misturada a esta luta pelo poder estava sua culpa por ter dado à luz uma filha marcada *com o sinal*, pensando que me tornara uma vítima de seu pecado. Nos olhos dela e dos outros, eu me vi refletida como “estranha”, “anormal”, “QUEER”. Não vi nenhum outro reflexo. Incapaz de mudar essa imagem, me abriguei nos livros e na solidão e me mantive longe dos outros. O tempo todo, ao crescer, eu sentia que não era deste mundo. Um alienígena de outro planeta – eu caí no colo da minha mãe. Mas para qual propósito?

Um dia, quando eu tinha por volta de sete ou oito anos, meu pai deixou cair no meu colo um livro de bolso de faroeste de 25 centavos, o único tipo de livro que ele poderia comprar em uma farmácia. O ato de ler me mudou para sempre. Nos livros de faroeste que li, as criadas, os vilões e as *cantineras*, as prostitutas, eram todos mexicanos. Mas eu sabia que os primeiros *vaqueros* eram mexicanos, que no Texas superávamos os anglo-saxões em número, que as terras do rancho da minha avó tinham sido roubadas pelos anglo-saxões. Ainda assim, nas páginas desses livros, mexicanos e índios eram vermes. O racismo, que mais tarde reconhecera nos professores da escola e nunca mais poderia ignorar, encontrei naquele primeiro livro de faroeste que li.

Meu pai morrendo, sua aorta explodindo enquanto ele dirigia, o caminhão capotando, seu corpo atirado para fora, o caminhão caindo sobre ele. Sangue na calçada. Sua morte ocorreu assim que entrei na puberdade. Isso destruiu para sempre o mito de que existia uma figura masculina para cuidar de mim. Como meu forte, bom, lindo e divino pai poderia morrer? Quão estúpido e descuidado da parte de Deus. E se o acaso, as circunstâncias e o acidente prevalecessem? Perdi meu pai, Deus e minha inocência, tudo em um golpe sangrento.

A cada 24 dias, fortes febres cozinavam meu cérebro. Períodos mensurais acompanharam cólicas, amigdalite e febre de 40°C. Todo mês uma visita aos médicos. “Está tudo na sua cabeça”, diziam. “Quando você ficar mais velha, se casar e tiver filhos, a dor vai parar”. Uma ladainha monótona dos homens de branco durante toda a minha adolescência.

O derramamento de sangue na rodovia roubou minha adolescência como o sangue em minha fralda roubou minha infância. E em minhas mãos, sem saber, eu tinha a transformação do meu próprio ser.

Ninguém vai te salvar.
Ninguém vai te abater
corte os espinhos ao seu redor.
Ninguém vai invadir
as muralhas do castelo nem
te despertar com um beijo,
descer pelo seu cabelo,
nem te montar
no corcel branco.

Não existe ninguém que
vá alimentar o desejo.
Encare. Você terá que fazê-lo,
fazê-lo sozinha.³

Meu pai morreu, minha mãe e eu nos voltamos uma para a outra. Não tínhamos crescido juntas? Éramos como irmãs – ela tinha 16 anos quando me deu à luz. Embora ela me amasse, ela só mostraria isso secretamente – no tom de sua voz, em um olhar. Não é assim com meus irmãos – lá era visível para todo mundo ver. Eles eram maridos substitutos do sexo masculino, legítimos receptores de seu poder. Sua lealdade era e é para com seus filhos homens, não para com as mulheres.

Ver minha mãe se voltar para meus irmãos em busca de proteção, orientação – um ato de dissimulação. Ela e eu sabíamos que ela não receberia nada deles. Como a maioria dos homens, eles não tinham nada para dar, ao contrário, precisavam receber das mulheres. Fiquei ressentida por meus irmãos poderem tocá-la, beijá-la e flertar com ela, mas não eu e minha irmã. Ressentindo-me por a intimidade física entre mulheres ser tabu, suja.

No entanto, ela não podia me descartar. “*Machona, índia ladina*”, ela me

chamava assim porque eu não agia como uma pequena *chicanita* boazinha deveria agir: depois, ao mesmo tempo, ela me elogiava e me culpava, muitas vezes pela mesma coisa – ser moleca e calçar botas, não ter medo de cobras ou facas, mostrar meu desprezo pelos papéis femininos, sair de casa para ir à faculdade, não sossegar e casar, ser política, ficar do lado dos trabalhadores rurais. Ainda assim, enquanto ela tentava corrigir meu temperamento mais agressivo, minha mãe estava secretamente orgulhosa de minha “teimosia” – uma coisa que ela nunca vai admitir. Orgulhosa por eu ter aprendido sozinho na escola. Secretamente orgulhosa de minhas pinturas, de minha escrita, embora reclamando o tempo todo que não ganhei dinheiro nenhum com isso.

Vergonha

...tendo medo de que meus amigos vissem minha mãe, soubessem que ela falava alto – sua voz penetrou em todos os cantos. Sempre que entrávamos em uma sala, todos olhavam para cima. Eu não queria que meus amigos a ouvissem se gabar de seus filhos. Tive medo de que ela revelasse algum segredo, me criticasse em público. Ela sempre me envergonhava dizendo a todos que eu gostava de ler deitada na cama e não a ajudava nas tarefas domésticas.

...comendo na escola fora dos sacos, escondendo nossos almoços de batatas com chouriço atrás das mãos em concha e das cabeças baixas, engolindo antes que as outras crianças pudessem ver. A culpa colocada no meio da tortilha. Os garotos anglo-saxões riam, nos chamando de *tortilleros*, os garotos mexicanos pegavam essa palavra e a usavam como um bastão para bater uns nos outros. Meus irmãos, minha irmã e eu começamos a levar sanduíches de pão branco para a escola. Depois de um tempo, paramos totalmente de almoçar.

Não há beleza na pobreza, em minha mãe ser capaz de dar dinheiro para o almoço a apenas um de seus filhos. (Todos concordamos que deveria ir para Nune, ele estava crescendo rápido e estava sempre com fome.) Não era muito romântico para mim e minha irmã usarmos os vestidos e calcinhas que minha mãe fazia para nós com sacos de farinha porque ela não tinha dinheiro para comprar da loja como as outras mães.

Bem, eu não tenho mais vergonha de você, mamãe.
Meu coração, uma vez dobrado e partido, uma vez
envergonhado de seus costumes chineses.

Mãe, ouça-me agora, conte-me sua
história de novo e de novo.

– Nellie Wong, “From a Heart of Rice Straw”,
Dreams of Harrison Railroad Park

Não foi culpa da minha mãe sermos pobres e, no entanto, grande parte da minha dor e vergonha foi porque nós duas nos traímos. Mas minha mãe sempre esteve ao meu lado, apesar de nossas diferenças e abismos emocionais. Ela nunca parou de lutar; ela é uma sobrevivente. Mesmo agora, posso ouvi-la discutindo com meu pai sobre como nos criar, insistindo que todas as decisões sejam tomadas por ambos. Posso ouvi-la chorando sobre o corpo de meu pai morto. Ela tinha 28 anos, pouca escolaridade, não era qualificada, mas sua força era maior do que a da maioria dos homens, criando-nos sozinha.

Depois que meu pai morreu, trabalhei no campo todo fim de semana e todo verão, mesmo quando era estudante na faculdade. (Nós migramos apenas uma vez quando eu tinha sete anos, viajei na carroceria do caminhão vermelho do meu pai com duas outras famílias para os campos de algodão do oeste do Texas. Quando perdi algumas semanas de aula, meu pai decidiu que isso não deveria acontecer novamente.)

...os aviões descendo sobre nós, 50 ou cem de nós caindo no chão, a nuvem de inseticida dilacerando nossos olhos, obstruindo nossas narinas. Os proprietários da indústria agrária nem se importaram em não haver banheiros nos campos abertos, nem arbustos para nos escondermos atrás.

Com o passar dos anos, os confins da vida nas fazendas e ranchos começaram a se desgastar. O papel tradicional da mulher era uma sela que eu não queria usar. Os conceitos “passivo” e “zeloso” arranharam minha pele como esporas e “casamento” e “filhos” me levaram a atacar mais rápido do que cascaçais ou coiotes. Comecei a usar botas e jeans masculinos e a andar com a cabeça cheia de ideias, faminta por mais e mais palavras. Lentamente, abaixei minha cabeça, recusei minha herança e comecei a questionar o modo como as coisas eram. Mas demorou mais de 30 anos para desaprender a crença incutida em mim de que o branco é melhor do que o marrom – algo que algumas pessoas de cor *nunca* vão compreender. E só agora o ódio de mim mesma, que passei a maior parte da minha adolescência cultivando, está se transformando em amor.

[1] N.T.: Expressão usada para se referir à “avó”, comum na América Central, Caribe e México (COLLINS, 2022). A obra de Gloria Anzaldúa faz extenso uso do “espanhol chicano”, uma “língua de fronteira” que mescla o inglês norte-americano e o espanhol mexicano. Essa língua surge da necessidade de chicanas/os (estadunidenses de origem latino-americana, principalmente mexicana) de criarem uma linguagem com a qual pudessem comunicar suas realidades e valores (ANZALDÚA, 1987). Com a finalidade de manter o aspecto híbrido da língua chicana, optamos por traduzir este texto do inglês para o português mantendo os termos em espanhol e traduzindo-os quando necessário.

[2] N.A.: Do meu poema, “The Woman Who Lived Forever”. Todos os poemas subsequentes não referenciados serão de meus próprios escritos.

N.T.: Do original: “These my two hands quick to slap my face before others could slap it”.

[3] N.A.: De “Letting Go.”

N.T.: Do original: “Nobody’s going to save you. / No one’s going to cut you down / cut the thorns around you. / No one’s going to storm / the castle walls nor / kiss awake your birth, / climb down your hair, / nor mount you / onto the white steed. / There is no one who / will feed the yearning. / Face it. You will have / to do, do it yourself.”

[4] N.T.: “Machona” refere-se a uma mulher de aspecto e atitudes masculinizadas (OXFORD LANGUAGES, 2022). A expressão “índia ladina” era usada pelos colonizadores espanhóis para nomear uma mulher indígena que falava tanto a língua espanhola quanto a nativa e que atuava como tradutora nos primeiros tempos da colônia (o que lhes permitiu a sobrevivência dentro daquele sistema social) (ARTE COLONIAL, 2011). Assim, o termo passou a ser empregado pejorativamente para designar pessoas que se valem de todos os artifícios (bons e ruins) para alcançarem um objetivo (CELDRÁN, 1995).

[5] N.T.: Do original: “Well, I’m not ashamed of you anymore, Momma. / My heart, once bent and cracked, once / ashamed of your China ways. / Ma, hear me now, tell me your story / again and again.”



9/10

de... ic/picini
2019

Maria Clara Viana

Almoço

o contrato eu assino
 mas não analiso
 o cano pegando fogo enganchado na perna
 a força elástica das molas
 o rompimento das malas
 a dor o susto a ocasião
 o sangue escorrendo mais rápido que a dor
 o sangue este sangue
 que só dói frio
 depois do suspiro
 no dia em que o filho mais velho
 insiste em amolar as facas
 sobre a mesa

De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: "cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha". A exemplo da "escrita imediata dos meteoros", a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, "... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia". Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também. Por Alberto Bresciane

www.editorapenalux.com.br



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com



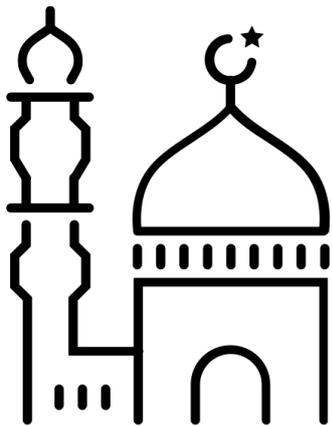
**Cidade das
estátuas**

Novo romance de
Márcio Blanco Cava

PRÉ-VENDA

www.editoramireveja.com

MIREVEJA
EDITORA

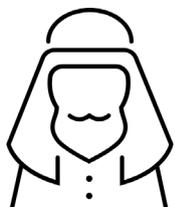


Anônimo se transforma para a 1ª divisão do Car

Interesse público ou interesse do público? RelevO apresenta em primeira mão os detalhes da transformação de Magno Santos, mais conhecido como Maguinho, em uma empresa de capital aberto e informações fechadas do futebol brasileiro.

Fim do fantasma do rebaixamento; piscina limpa no clube; atleta em formato de atleta. Desde agosto de 2021, com a promulgação da lei que permite a transformação de clubes de futebol em empresas – as famosas SAF (Sociedade Anônima do Futebol) –, o torcedor brasileiro tem alimentado a esperança de dias de glórias, ou ao menos vergonha controlada e sono menos turbulento.

“Se o meu clube voltar a pagar a luz em dia e, quem sabe, parar todo ano de perder pra um time chamado Caruaru City, eu já ficarei feliz”, comentou, sem querer se identificar, um torcedor com camisa semelhante ao do Santa Cruz, antigo clube de Recife. “Estou desgastado por anos e anos de memes repetidos e piadas regulares no almoço de domingo”, entrega o torcedor, visivelmente alcoolizado e irritado.



O que ninguém esperava é que uma pessoa que perdeu o RG e nunca fez a segunda via, usa um carro piseira com vazamento regular de óleo e mantém uma carinhosa dívida junto ao TSE por não ter votado nas últimas três eleições pudesse se tornar uma SAF e revolucionar o futebol brasileiro. “Fui eu, Deus e um fundo investidor do Catar – o VTC, Vai Te Catar, hahaha”, alega Magno Santos, o Maguinho, jogador de 33 anos conhecido por ser muito bom de grupo, não exatamente de bola, com passagens ordinárias por Guaratinguetá, Espigão e Rabotnički, clube ascendente da Macedônia. “Lá tem o melhor byrek [massa folheada com recheio de queijo, carne ou vegetais] do mundo!”, reconhece, “principalmente quando o estabelecimento não usa carne humana”, completa.

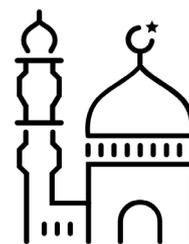
Aliás, foi na PRVA Liga, em um jogo “contra um time que tinha nome de ppk”, que Santos teve o primeiro contato com o mundo das SAFs. “Um sujeito com uma mala do Ben10 perguntou se eu tava com o nome sujo no SERASA”, recorda. “Como eu não sabia das minhas possíveis restrições, nem o que era SERASA (jogador tem que pensar no campo), resolvi dizer que não só pra ver qualé. Ele parecia carioca, e a última coisa que alguém quer na vida é ser enganado por carioca – principalmente um capixaba”. Em linhas gerais, a proposta transformaria, documentalmente, Magno Evandro dos Santos em Maguinho Futebol Clube, zerando sua idade social e, inclusive, resolvendo o problema de calvície, já que ninguém chama uma pessoa de menos de um ano de “gordo cabeça de piroca”, enfatiza, com orgulho tímido, Maguinho FC.

O “carioca” era, na verdade, o português João Filipe Carvalho, ao passo que a mala do Ben10 era, precisamente, uma mala do Ben10. Carvalho alegava representar um *pool* de investidores do Catar – dos mais variados setores da sociedade (exceto mulheres) –, todos tediosamente ricos e interessados em preparar terreno com um pouco de *venture capital* para a Copa do Mundo no emirado. Além da mala, ele vestia um *trench coat* grafite até as canelas – e uma boina, adotada após ter sido chamado por um amigo de “Calvo anal” na semana anterior. As palavras haviam abalado a metafísica do misterioso intermediário: “é apenas uma entradinha”.

Em um primeiro momento, as condições da proposta entregue por Carvalho surpreenderam Maguinho. A primeira das três cláusulas para a implantação do projeto era não vacinar-se mais que duas vezes (para qualquer coisa), o que jamais seria um problema para o falso 9 capixaba. “Minha mãe diz que me vacinou pra tudo, mas não conseguiu baixar o *app* pra emitir o comprovante. A Claro é uma porcária, todos sabem – e outra, aquela velha mentia, viu? Uma vez tentou me trocar por um Gol Bola, eu ouvi tudo; depois a picareta alegou que aquele era o veículo do Papai Noel”.

A segunda obrigação era aceitar ser chamado, casualmente, de “Homem-Holerite” pelo grupo de acionistas – “não mais que seis”, reforça. Também deixaria de frequentar a Mecânica e Pizzaria do Joca, já que a Maguinho FC teria patrocínio de uma concessionária de Dubai (o que não foi considerado condição, mas um “pedido gentil”). A última cláusula consistia em jamais aceitar jogar contra qualquer time de Santa Catarina para não impulsionar qualquer confusão com o gentílico <catari>. “Essa última cláusula me confundiu um pouco, mas, ao mesmo tempo, quem se importa com o futebol catarinense? Minha avó dizia que a única coisa boa de lá é que separa o resto do Brasil dos gaúchos”, filosofa Maguinho.

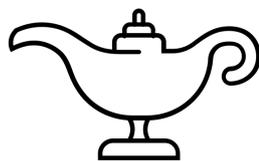
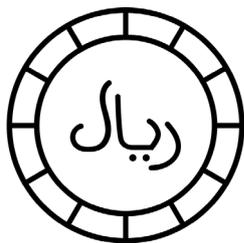
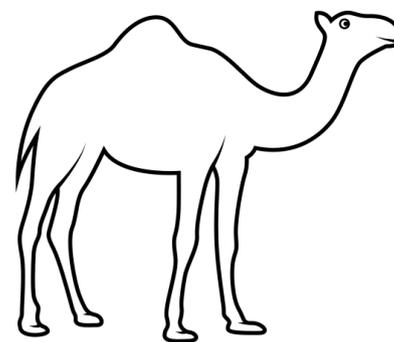
O plano, observando em retrospectiva, não era realmente inviável. A *holding* Maguinho FC, agora situada em Colatina-ES, rapidamente constituiu um Conselho de Sócios, formado por sua ex-esposa (“mas muito parceira e compreensiva”), Rita; o amigo e companheiro Juvenal; Alex do Posto 21 e duas pessoas chamadas Omar (respectivamente, “Omarvado” e “Omarbravo”). A operação foi considerada pelo novo Conselho como uma manifestação clara do espírito democrático do novo clube.



...a em SAF e se classifica Campeonato Capixaba



João Balotelli, prefeito de Colatina, logo mandou fazer um busto de Maguinho na entrada da cidade, ao lado do letreiro EU ❤️ COLATINA. “Estamos em contato com um grupo de investidores do City Group que pretende construir uma série de campos em Colatina com o intuito de competir com a popularidade da pelota basca entre os nossos jovens”, declara. “Menos drogas, mais SAFs será meu *slogan* de reeleição”, proclama. “Não que pelota basca não seja uma droga...”.



Em menos de dois meses e quatro mortes por imprudência da equipe de obras, o grupo supostamente catari construiu um moderno estádio para 8 mil pessoas e começou a investir em jogadores de 18 a 25 anos espalhados por equipes do interior de São Paulo. Reserva na Macedônia, agora Maguinho era *manager e head coach* do novo clube, recebendo, em dias de jogo, um memorando com o time titular e o esquema tático do dia. Com a rubrica SantosBET, o documento norteou a ascensão meteórica do novo escrete, que, em dez jogos na Segundona capixaba, venceu sete partidas e manteve a boa média de oito escanteios em cada segundo tempo, além de dois cabeceios ao gol de um camisa 88 entre os 17 e 24 minutos da primeira etapa. “Tudo normal”, alega João Filipe Carvalhal, agora CEO.

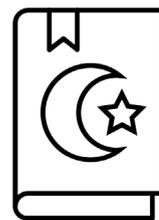
O advogado Manuel Marcondes, o Marnel de Malhadas, vê um conflito de interesses na Maguinho FC. “Tentando ser o mais breve e objetivo possível, uma SAF será um clube-empresa, mas a recíproca não é verdadeira em relação a uma empresa ser uma pessoa-SAF, porque aí temos conflito de SAF para CPF. Resumindo: chega uma hora que esse monte de sigla é um saco e eu me arrependo das escolhas que fiz na vida”, define. “Mas o uniforme ficou bacana”.

O futuro ao Catar pertence

A Maguinho FC não prometeu títulos de expressão logo na primeira temporada, mas já garantiu calendário para 2023 e cotas de 8 milhões de euros. Contudo, alguns problemas surgiram após a frustrante derrota de 5x0 para a Desportiva, com dois gols contra do zagueiro Naldo e o primeiro caso conhecido na história do futebol de autorreversão crônica, em que uma equipe – a própria Maguinho FC – conseguiu simplesmente errar todos os laterais, irritando até a arbitragem. A situação no mínimo peculiar acarretou na suspensão do árbitro “Sam” Rabeira Micci por três meses – até descobrirem que ele mesmo havia apostado na própria suspensão na SantosBET. “Agora que esse gordo toma no cu”, declarou o representante da comissão de arbitragem da Federação Capixaba de Futebol, que na verdade se chama Federação de Futebol do Estado do Espírito Santo.

Em áudios divulgados pela comissão, Micci surge xingando atletas da Maguinho de “retardados mongolóides” e “idiotas pela-saco; é só repor a bola”. Em dado momento, o árbitro também foi flagrado vendo vídeos do YouPorn no celular enquanto a Desportiva tocava a bola no campo defensivo, dizendo “tenho mais o que fazer”. A Interpol também investiga uma aposta suspeita em Taiwan que levou o cidadão Cheng-Chong, agora conhecido como O Próspero, a ganhar 300 mil dólares com a vitória da Desportiva por mais de quatro gols + um jogador da Maguinho expulso por uso de narguilé nos acréscimos do segundo tempo.

A imprensa brasileira também tem acompanhado denúncias de que a Maguinho FC seria apenas mais uma empresa com grana catari para promover a chamada lavagem de imagem, prática em que um podre de rico gasta dinheiro no futebol sem esperar lucro com o intuito de arrecadar um dinheiro ainda maior em outras frentes – o que, tratando-se do Espírito Santo, tem intrigado os especialistas.



Políticos de Colatina, apelidados de “Maguinho Haters” pela comunidade do Facebook Somos Maguinho Geração de Emprego, com 310 mil membros (e apoiada pelo “Imperador do Bitcoin”), exigem a publicação dos contratos da Maguinho FC, além da transcrição de conversas do WhatsApp que comprovariam que Maguinho seria apenas um laranja catari com o intuito real de acumular tanto dinheiro a ponto de acabar com o fenômeno do agropop. O “Escândalo do What-SAF”, como foi batizado, também investiga tatuagens cifradas com QR Code nos braços dos atletas. “É tudo um grande esquema! Quer saber? Um bando de SAFados”, denuncia o vereador Toninho do Posto.

“Deus não escolhe os capacitados nem capacita os escolhidos”, responde Magno Santos. “Sei lá o que Ele faz”. O mistério da Maguinho FC já é o maior evento da história do futebol capixaba.

WALL-E: poesia visual

Há 14 anos, em junho de 2008, a animação *WALL-E* estreava nos cinemas. Fui conferir a contragosto, afinal não me interessava muito por animações e, principalmente, vivia o apogeu da insolência adolescente. Aos 16 anos, somos todos intragáveis.

Havia ganhado ingresso porque participava de um projeto (na antiga *Gazetinha*, suplemento infantojuvenil da *Gazeta do Povo*) no qual estávamos aprendendo – e escrevendo – sobre cinema. Assim, compareci à sessão do filme dirigido por **Andrew Stanton**, com roteiro de Stanton e **Jim Reardon**.

Rabugento e com as expectativas baixas, eu não poderia ter me surpreendido mais. *WALL-E* é uma produção encantadora, capaz de desmontar qualquer guarda alta. Porém, eu nunca havia revisitado essa obra da Pixar enquanto *adulto*, e só o fiz, sem qualquer motivo específico, na última semana.

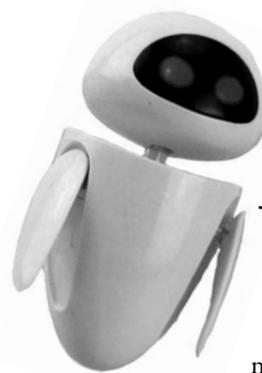
Pois bem, com grande satisfação (e certo alívio), renovei minha apreciação – novamente cético, novamente cínico, pois apenas um lunático é capaz de confiar nas impressões de sua versão de 16 anos.

A sequência inicial de *WALL-E* é famosa, não por acaso. Não há qualquer diálogo por 22 minutos. Nesse tempo, conhecemos Wall-E, um robô senciente compactador de lixo. Solitário em uma Terra abandonada – e repleta de seu material de trabalho –, ele mantém hábitos, objetos e gostos humanos no ano 2805. E uma barata.

Wall-E até dispõe de contemplação estética, assistindo a filmes (e reproduzindo seus movimentos) por meio de fitas coletadas em seu ofício. O enredo se desenvolve a partir da chegada de EVA, outro robô – muito mais moderno e funcional – enviado pela nave habitada pelos seres humanos para procurar algum resquício de vida no planeta. Androides sonham com paixões elétricas?

Diante do silêncio, portanto, a narrativa avança pelos movimentos dos personagens e pelo primor de caracterização. De cara, *WALL-E* se apresenta como uma mistura de *2001: Uma Odisseia no Espaço* com **Charles Chaplin** e/ou **Buster Keaton** (inspirações explícitas dos produtores).

Os movimentos, roteirizados e executados com maestria, preterem o uso de palavras, o que confere certa universalidade – e atemporalidade – ao



E N C L A V E
a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

longa-metragem. Por sua vez, a caracterização não seria um problema para a Pixar, estúdio devidamente capacitado para criar *fofuras* das mais diversas formas.

Assim, logo nos apegamos a Wall-E e permanecemos instigados por aquele contexto pós-apocalíptico. Quando os dois protagonistas encontram os seres humanos de 2805 (*spoilers?*) na nave Axiom, estes são... talvez irreconhecíveis não seja a melhor palavra. Mas engordaram a ponto de perder os movimentos – locomovem-se em cadeiras flutuantes – e não conseguem resolver problema algum por conta própria. Estão sempre *conectados*.

É claro que o filme carrega uma *mensagem* (e que a Enclave *odeia* mensagens), mas vamos lá. Primeiro, a obra se sustenta por si só, uma vez que o drama do apaixonado Wall-E é suficientemente estimulante.

Segundo, dentro da mensagem explicitamente ecológica – que, né... digamos que tenha um ponto –, há outra sutileza singela. Despreocupado em moralizar e ensinar de forma tão direta, *WALL-E* não retrata os seres humanos como perversos, mesquinhos, monstros indomáveis. O longa sequer se preocupa em detalhar a trajetória da Terra até o estado apresentado.

Isso porque a animação representa o ser humano não como porco, mas apenas... distraído. À medida que se afasta da *dependência* da tecnologia, que enfrenta os próprios problemas com diligência e procura atentar-se aos dilemas que o afetam, o indivíduo desperta.

Um filme lindíssimo – elegante, comovente e bem-humorado –, que certamente exigiu um enorme conhecimento de humanidade para nos entregar um amável robô compactador de lixo apaixonado por um iPad voador.

Por sinal, até os créditos (*spoiler!*) são estonteantes.

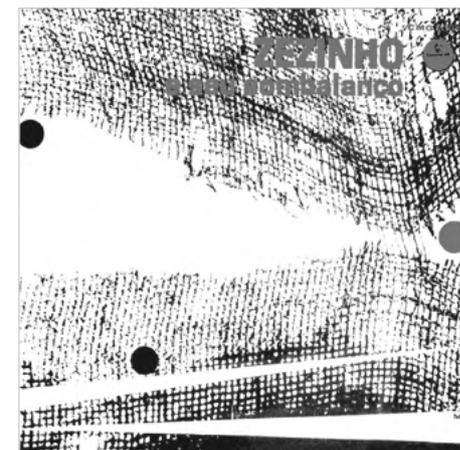
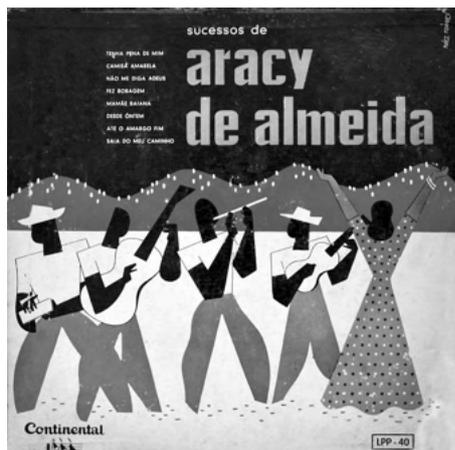


NÃO ME DIGA ADEUS

Paquito — Luis Soberano — João Correia da Silva
 1948

Francisco da Silva Fárrea Júnior, conhecido como Paquito, Luis Soberano e João Correia da Silva já eram compositores estabelecidos quando escreveram *Não Me Diga Adeus*, em 1948. A canção foi introduzida nesse mesmo ano por Aracy de Almeida como lado B de seu single *Na Sombra do Boi*, mas se mostrou muito mais popular que o lado A, chegando ao número 21 nas paradas anuais.

Apesar de seu sucesso inicial,



Lyra de Xopotó, entre outros.

A partir de 1960, *Não Me Diga Adeus* tornou-se cada vez mais popular à medida que, anualmente, várias interpretações foram gravadas até os anos 1970, incluindo versões tão requintadas como as de Rosana Toledo, Clóvis Pereira, Demônios da Garoa, Mr. Samba & Seus Skindôs Rítmicos, Severino Filho (também conhecido como Juca Mestre) e Elza Soares.

Em seu álbum ao vivo *Sérgio*



Porto – Aracy de Almeida – Billy Blanco no Zum-Zum, Aracy de Almeida regravou a canção em 1966, que permaneceu como um dos sambas mais populares, com mais de cem gravações até hoje.

Não Me Diga Adeus surgiu como um clássico com problemas de concepção. Afinal, levou sete anos para a primeira versão ser gravada, por Hebe Camargo, em 1955, no álbum de compilação *Carnaval de Sempre – Sambas e Marchas*.

No ano seguinte, Aracy de Almeida regravou a canção em seu álbum *Sucessos de Aracy de Almeida*, seguida por mais cinco versões – a maioria instrumental – no final dos anos 1950, de Ed Maciel, Luiz Allan e



Relevo apresenta **Brazilliance**:
 a música do mês para o conhecedor sofisticado!
 Ouça as gravações por meio do código QR ou conheça a canção nº 6 no BRAZILLIANCE.wordpress.com



ACEITARIA POR 70 REAIS AO ANO?



Periódico impresso mensal.

Literatura, humor, cultura.
E mais coisas. Depende.

RelevO

“Um filme alucinante” - Christopher Nóia

“(Ba)Fora Bolsonaro!” - Algum manifestante

LOLÓ LAND



Uma produção **RelevO**



testamento

mio padre mi ha detto
 a casa bisogna avere sempre candele
 se salta via la corrente
 se avviene un corto circuito
 perché io possa vedere
 chiaro
 ma voleva dirmi
 devo fare il patto
 se suonano alla porta
 non devo cadere
 perché non mi accechi
 il chiarore dell'alba

testamento

meu pai me disse
 é preciso ter velas em casa, sempre,
 por si faltar a energia
 se ocorrer um curto-circuito
 para que eu possa ver
 com clareza
 mas queria me dizer
 devo fazer o pacto
 se tocarm à porta
 não devo cair
 para que não me cegue
 o brilho da manhã

squame

verifico e cerco
 l'uomo che una volta ero io
 e cerco il guscio
 incastrato nella gola
 sui fogli vuoti
 le gocce d'inchiostro
 i fili dei nervi
 sulle mie dita
 nelle sabbie mobili
 le mie gambe gonfiate:

dai vestiti intimi
 che non ho mai
 mai indossato

escamas

verifico e procuro
 o homem que uma vez já fui
 e procuro a concha
 presa na garganta
 nos papéis vazios
 as gotas de tinta
 os filamentos dos nervos
 sobre meus dedos
 nas areias movediças
 minhas pernas inchadas:

da roupa íntima
 que nunca
 jamais vesti

O pessoal com quem eu trabalho me recomendou um médico, mas ele veio a falecer

Zeh Gustavo

É um dia, um dia apenas. Pode ser o último. Na verdade, é um dia depois do outro e você tá ficando velho. Velho pra cacete. O menos mal disso tudo, meu velho, é que, quando o processo começa, as mulheres admiram, se achegam — as mais jovens. Aquilo é um fio de maturidade num corpo ainda são. Em tese. Elas caem na teia, mas você bebe muito.

A porra do seu corpo, não a porra propriamente dita, mas a porra de vida que seu corpo tem não jorra, começa a doer com tudo. Você vai ficar doente. A cada dia. A cada dia uma nova dor. Tirando a sua cabeça que envelhece de fantasmas e ruídos e poeiras e ressacas. Por enquanto você *está ficando*, mas um dia você *vai*.

Tudo em mim doía, sobretudo as tripas. Mas o coração sempre preocupa mais. Aí o pessoal com quem eu trabalho me recomendou um médico. (Posteriormente, ele veio a falecer.)

— Você bebe muito.

Esse dr. Capa Branca sabe iniciar uma amizade!

— Já vi melhores.

— Assim o senhor vai mal...

— Posso ir, mas por que não *você*?!

Aquilo *era* uma consulta médica. Eu jamais pensara antes em matar um médico, pensara? O paciente a se impacientar... É, pensamento!

Eu ando muito confuso, ultimamente. Eu sempre estive muito con-

fuso, mas não desse jeito. É o acúmulo das coisas. E eu parei de fumar. O médico fuma, eu sei. Fuma escondido. Vive escondido. Não gosto dele. Que se lixe!

Nunca matei um médico, já matei? Eu bebo muito. Não bebi hoje, estou são, amém. Não, eu estou nervoso. Eu não ter bebido nada hoje e o médico dizer que eu bebo muito, para mim, é provocação. Médico babaca! E é assim que as coisas acontecem: você é tratado como mais um número na estatística, até que cisma de colaborar para ela, a estatística. Mais um, menos um, nove fora não sobra nada. Aí o dr. Capa Branca vem e resume:

— Você bebe muito.

Você odeia doutores como o dr. Capa Branca e já matou um homem, não matou? Você conhece o dr. Capa Branca não é de hoje e você sabe, você sabe... Ele vai receitar um tratamento escroto. Para você não morrer. Mas você vai morrer, você sabe, então...

— Essa é a sua dieta. Qualquer dúvida...

— Nada mal.

— Note bem, é pra seguir à risca.

— Doutor, posso pôr vinagre nessas folhinhas que o senhor botou para enfeitar minha janta?

Não gosto de vinagre. Posso enfiar as folhinhas no seu rabo, doutor? Ele não ri. Dr. Capa Branca não ri para não dar confiança. Só ri escondido.

Dr. Capa Branca tira meleca e coça o saco, escondido. A gente não gosta da ideia de perder para a morte, mas a gente perde, doutor. A vida inteira. Justo eu tenho que lembrá-lo a respeito? Fica nada no lugar, nada da gente. E os lugares vão ser preenchidos, outros locaotários. E os próprios lugares vão trocando de lugar. Por que tô falando tudo isso? Dr. Capa Branca faz tudo escondido, eu bebo muito e vamos todos morrer. Estou mesmo ficando velho!

— Não precisa me olhar com essa cara. É só uma dieta!

Eu vou matá-lo, já matei?

— O senhor tem família?

— Já enterrei duas.

— Como?!

— Já enterrei duas mulheres. Tá meio fora de moda, mas sou hetero...

— Compreendo.

— Não, não compreende.

E ataquei minha história, agora bem disposto. O jogo virava.

— Matei as duas. E também meu único filho. Ele peidava muito! Odeio cheiro de peido.

E... ele peidou. Cagonildo Capa Branca, ex-doutor, ora posto no seu devido lugar de mortal, me descobria um perigoso... O peido era uma metáfora fedorenta. Artimanha suja, a minha. Necessitava então tranquilizar o doutor, lhe restituir a superioridade mesquinha que um diploma e uma so-

cidade doente são capazes de atribuir a um sujeito comum. Para tanto, teorizei, bonitamente:

— Dotô, o peido é apenas um entrelugar, dentre tantos, fluido divisório entre o ar dito puro e o cheiro da merda, a nos empestear. No fundo, somos todos essa mesma merda, o senhor sabe, né?

Ele não sabia. E não seria a vida apenas um intervalo, entre nada, mijos e merdas?

— Bom, tenho outros pacientes.

Deixei o dr. Capa Branca, defronte à sua mesa empapada de suor. Seria o suor um outro entrelugar?!

Me arrefeci de lá, carecia de um trago. Tava fedendo a éter de consultório. Eu nunca tomei banho de éter após uma consulta médica, já tomei? E após morrer e matar, matar e morrer?!

Quanto aos trabalhos de bar, parei na terceira dose. Também ando meio fustigado. Fui embora para uma casa que não tenho, muita dor. A morte só interessa uma vez, mas a gente sempre se interessa pelas demais, muito embora receita com folhinha só sirva para o rabo alheio.

Ouçõ sirenes, ouçõ coisas, tenho tremeliques, me perco na rua. O barulho da cidade não tem fim, mas com o tempo fica opaco. A noite é que sempre promete ser mais longa, você sabe.



*Editora independente
e Estúdio Literário*

- Edição e revisão de texto
- Capa e projeto gráfico
- Leitura crítica

✉ contato@milpalavrapordia.com
www.milpalavrapordia.com

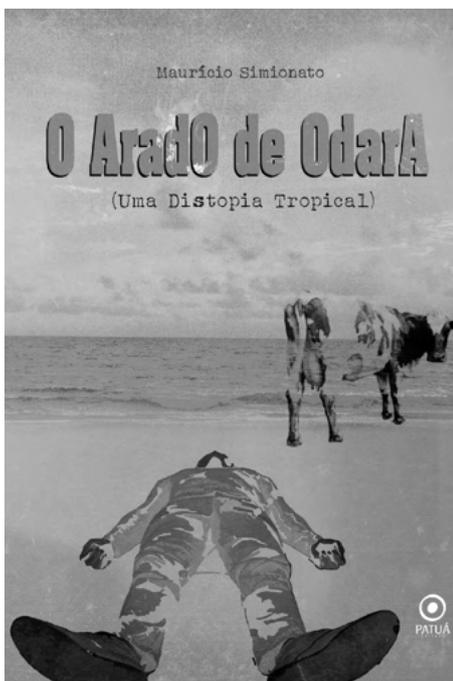
ENEIAS DA SILVA+JANEIRO

Fábio Paifer Cairolli

Neste livro o autor apresenta dois poemas épicos: *Eneias da Silva*, que dialoga com a épica de Virgílio, e *Janeiro*, épico-didático sobre olhar e ensinar a olhar o mundo, tendo como foco a observação das árvores. Um convite à leitura dos clássicos e uma evidência de que a literatura épica vive e se reinventa para os nossos tempos.

Pré-venda:
www.milpalavrapordia.com/loja





"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações - corpóreas e de pensamento - do homem"

Amanda Vital,
Poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias "impermanentia" (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e "Sobre Auroras e Crepúsculos" (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017

O Arado de Odara, de Maurício Simionato, equivale a um passeio pelas várias possibilidades e modos de expressão da poesia contemporânea brasileira; em especial, daquela realizada pelos novos autores que aliam a inquietação, o inconformismo em face da "distopia tropical", à intensa sensibilidade lírica.

Claudio Willer



"no olho do escritor

o
emaranhado
de espelhos
tecidos
de água
em desalinho

no olho do escritor
o filamento
dos dias compridos

os olhos do escritor
viram-se
nos meus
e
num
mareado
castanho
nós dois
choramos"

A jornalista paulistana Renata de Alcântara Stuani estreia na literatura com *Melancolicamente*, lançamento da Luva Editora. O eu-lírico de Renata está sempre em metamorfose e adquire formas e personalidades distintas: muitas vezes terna e infantil, e outras, sombria e violenta. Temas clássicos, como a morte e a divindade, se mesclam a composições intimistas. A política, a psicanálise, a tecnologia e até a música pop são base para a construção de poemas de grande musicalidade, com resultados muitas vezes surpreendentes. Renata (@renata.stuani) faz parte do coletivo de poetas Fazia Poesia.

Melancolicamente está à venda no Espaço Alberico Rodrigues (www.albericorodrigues.com.br), espaço cultural localizado na Praça Benedito Calixto 159, Pinheiros, em São Paulo.

Verônica Ramalho

Poemas integrantes de Três línguas (editora Córrego, 2022)

1 de 5 (Deos)

Coço a orelha com a língua.
Toda a massa meio mole, aflição intensa.

2 de 5 (Deos)

Deriva a língua na ponta de cima, a ponta se empina, sinal insonoro.
O tempo empilha cada corte de unha, cada resto de resto, cada naco de pele, cada parte de sobra, um grão.
Toda a terra o que sou. O caminho se espalha, camadas de cacas, sou todo chão. Provo o relevo novo, subo morros mirantes escalo. Todo o relevo feito do que caiu de mim. O nada se preenche de aparas.

3 de 5 (Antígona)

Trapos amontoado pelos restos podres, acampamento desfeito cheiro humano. Rastros frações amortizadas. Tecido papelão roídos, gordura, gosto conhecido. Saibo queima carvão gravado.
Calha escorre água preta, linfa urbana escorre encontra grelha, deslizo, sumidouro, ultrapasso. Língua queima, molhado aço. Evapora arrasto.

4 de 5 (Jardim)

Línguas erguidas arfam, tremem secas a agonia da espera. Brancas, amarelas, castanhas, o jardim palpita ocre.
Há cortes bolhas bolotas, algumas camuflam herpes. Aftas se reproduzem, escorre pus pelo gramado.
Erguidas, as línguas arfam. Exibem sua decomposição.

5 de 5 (Jardim)

Lambidas pardas cortam a névoa, recendem cáseos. A flora muscular fede. Saburra é escudo e espelho pro cheiro forte, miasma intenso atordoia.
Lambidas desordenadas se esbarram, alvoroço, indisposição e calor.
Corpos em leque, as plantas abanam. Aragem distribui e dispersa o azedo, sopro manso. Assobio simula coro, aravia.

Estamos há 1 ano anunciando no Jornal Relevo

Aproveitamos a data para informar
que vem aí uma coisa

Em breve. Aguarde. Ou não.

portal
**fazia.
poesia**

• faziapoesia.com.br •





Jonathan Swift

Tradução de José Bruchard

Trecho de Uma modesta proposta [para prevenir que as crianças dos pobres na Irlanda sejam um fardo para os pais ou para o país, e para torná-las benéficas para a República]

Algumas pessoas de espírito desalentado estão bastante preocupadas com o grande número de pobres idosos, doentes ou mutilados e tenho sido solicitado a empregar meu pensamento para encontrar alguma possível solução que alivie a nação de tão penoso fardo. Mas essa questão não me preocupa nem um pouco, pois é bem sabido que eles estão a cada dia morrendo e apodrecendo, de frio e de fome, e de sujeira, e de vermes, tão rapidamente como se possa razoavelmente esperar. E, quanto aos trabalhadores mais jovens, eles estão agora em situação quase tão promissora: não conseguem trabalho e, conseqüentemente, estão desfalecendo por falta de alimento, a tal ponto que, se fossem, por acaso, contratados para algum serviço ordinário, não teriam forças para executá-lo, estando assim o país e eles próprios, felizmente, livres dos males que estão por vir.